

A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO II.

RIO DE JANEIRO, 17 DE JULHO DE 1886
DIRECTOR E PROPRIETARIO—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. II-N. 81.

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO CARMO N. 36

SUMMARIO

Expediente.....	
Política e políticos.....	TOB.
Contos e premio.....	
Companhia dramatica portugueza.....	V. M. E F. A.
No Calvario, soneto.....	V. DE CARVALHO.
E. F. Leopoldina.....	F. DE ALMEIDA.
Musica e musicos.....	GALLI-LÉO.
Jornaes e revistas.....	M. V.
Uma quadra de.....	A DO QUENTAL.
Theatros.....	P. TALMA.
Suspiros, versos.....	A. PARAISO.
Sport.....	L. M. BASTOS.
Factos e Noticias.....	
Annuncios.....	

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

CÔRTE	
Trimestre.....	2\$000
Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000
PROVINCIAS	
Semestre.....	5\$000
Anno.....	10\$000

Aos senhores assignantes em atraso, que até 31 do corrente não saldarem os seus debitos, será suspensa a remessa da folha.

Estamos suspendendo a remessa d'A *Semana* a todas as folhas que — do imperio como do Estrangeiro — comnosco não têm permutado.

Remettel-a-emos, porém, a todos os collegas novos que nos honraram com a sua visita e aos antigos que comnosco entrarem a permutar.

Está concluida a impressão dos *Vinte Contos*, mas com o trabalho de brochar e de imprimir a capa, o livro só poderá começar a ser distribuido d'aqui a mais alguns dias.

POLITICA E POLITICOS

Se o voto do Senado na fala do throno tivesse sido proposto na camara dos deputados, o Sr. Cotegipe estaria a esta hora no seu terraço, sem as graves preocupações de governo, a ver descandadamente com o seu oculo de longa mira a nossa esquadra de callambeques e tartarugas. O resto do ministerio estaria tambem fora do encargo dirigente; o Sr. Prado iria continuar proveitosamente a sua politica negativa de immigração na simples cadeira de deputado; o Sr. Mamoré veria correr o marfim sobre a hygiene publica; o Sr. Alfredo Chaves deporria as dragonas de general; o Sr. Mac-Dowell continuaria a fazer as orações que lhe ensinou o Sr. Siqueira Mendes; o Sr. Joaquim Delfino rejuvenesceria no pimpolho que tem na Camara; e o illu-trado Sr. Belisario deixaria—quem sabe se com prazer?—

a pasta onde tão boa administração poderia fazer se não encontrasse resistencias pequeninas de amigos e altas imposições do alto.

Mas o senado não faz politica. Assim o temos entendido no systema parlamentar; assim o entendeu o Sr. de Cotegipe,— que disse não sujeitar-se a imposições do Senado, e que seria governo enquanto tivesse a *confiança da Corôa*, vendo-se por isto que S. Ex. faz tanto caso da propria Camara, como da primeira camisa que vestio.

Vejamos, porém, os termos em que corre a questão, e vejamos como fica collocado o Governo depois do voto do Senado. O Governo escreveu a fala com que a phonographia imperial deleitou o ouvido das camaras reunidas. N'essa fala dizia-se que « a lei de 28 de Setembro de 1885—(lei que até na data foi um violento attentado contra a memoria do illustre estadista Visconde do Rio Branco) foi fiel e lealmente executada. » Agitou-se na camara a questão do regulamento que baixou para a execução da tal lei, e ficou sabido que havia senadores e deputados que entendiam que o Governo roubou o direito de libertar-se o escravo pela lei de 1831, supprimindo dolosamente da lista da matricula a declaração da naturalidade; que o Governo roubou ainda o escravo em 15 mezes de liberdade, mandando criminosamente que a depreciação se fizesse da data da matricula, em vez da data da lei; que o Governo roubou ainda o direito de liberdade do escravo, oppondo obices ao generoso movimento libertador da Côte, abrindo o porto da cidade de S. Sebastião ao commercio negro da provincia do Rio; que, finalmente, o Governo violou a prescripção do direito que manda entender em favor da liberdade os pontos omissos da lei, tornando expressa disposição de demora para a escravatura aquillo que era disposição omissa, que devia favorecer a libertação dos escravos. Os senadores e deputados que assim entendiam, podiam julgar que o Governo era tudo, menos fiel, menos leal.

O Senado, em virtude da emenda apresentada ao projecto de resposta á fala do throno, supprimio aquelle topico a que acima alludimos, e d'essa suppressão ha duas consequencias.

Primeira, que o governo mentio á Corôa e obrigou a Corôa a mentir, lendo semelhante declaração á assembléa geral; segunda, que o Governo não tem executado leal e fielmente a lei de 28 de Setembro.

O Senado não é corporação politica. Os eleitos dos partidos militantes, ao transporem os humbraes d'aquella Sibiria, deixam cá fóra o rotulo com que se distinguiam. Portanto, politicamente falando, esse voto, entende-se, não podia influir na vida do gabinete. Mas quem nega o effeito moral de semelhante affirmação, solemnemente effectuada por meio de uma votação dada por uma corporação altamente collocada e creada para fazer parte da assembléa geral pela Constituição politica do Estado?

Esse valor moral ha de perdurar sempre. O seu effeito já calou no animo publico e todo o publico sabe que o Senado disse que o Governo foi desleal e infiel na execução da lei do elemento servil. Quando a commissão levar a Sua Magestade a resposta á sua fala, Sua Magestade saberá tambem que o Governo fez o rei mentir, dizendo uma cousa inexacta. E por maior que seja a vida d'este gabinete— nunca ha de ser esquecido que o Senado brasileiro affirmou, pelos meios de que dispunha, aquillo que na linguagem commum é a mesma cousa que dizer-se particularmente a um individuo:

— Você é um larapio, um infiel e um desleal.

A Camara— um, dois, tres, passou— tirou da carteira de José Marianno o seu diploma e passou-o para o bolso do Sr. Theodoro Machado.

Chamamos para o facto a attenção do subdelegado de policia da freguezia de S. Jesé.

Péga!

TOB.

CONTOS A PREMIO

São já por nós conhecidos os auctores do 2º e 3º contos premiados, que se haviam modestamente encapuchado em pseudonymos.

Coronel Marrioni, a quem coube o segundo premio, é o Sr. Manoel Carneiro, um joven escriptor de talento, que é homonymo do director do *Diario de Noticias*; e W é a nossa gentil e saudosa collaboradora D. Julia Lopes.

Publicaremos os seus contos nos dois proximos numeros.

Companhia dramatica portugueza

Na terça-feira tivemos a satisfação de receber a visita do sympathico director d'esta companhia, o notavel actor João Rosa, que, acompanhado por seu irmão Augusto Rosa, nos veio gentilmente explicar a sua posição na companhia que dirige.

O Sr. João Rosa é, como os demais artistas d'aquella companhia, simples contractado de uma empresa. A sua direcção é exclusivamente artistica, e, por isso, não pôde elle ser responsavel pelos actos da empreza contractante.

Nós, porém, ao formularmos a nossa reclamação do numero passado, guiámo-nos pelos annuncios da companhia,

nos' quaes não apparece outro nome senão o do Sr. João Rosa, sem declaração de que elle seja apenas director scenico.

Acceitamos, entretanto, as delicadas explicações do Sr. Rosa e damos por terminado este incidente, do qual tirámos o proveito de verificar que não nos enganavamos quando julgavamos os irmãos Rosa cavalheiros de fina educação e extremada gentileza.

A' empreza da companhia dramatica portugueza não farenos reclamação alguma.

VALENTIM MAGALHÃES.
FILINTO D'ALMEIDA.

NO CALVARIO

A VALENTIM MAGALHÃES

Conta a lenda que no momento pavoroso
Em que a alma do Christo alou-se d'esta vida,
Sentio-se estremecer a terra commovida,
E a noite abriu no espaço o crépe luctuoso.

Como que immensa dôr unanime assaltava
A natureza toda; e, extraordinariamente,
O mar, o proprio mar, o eterno combatente,
Ungio de piedade a voz roufenha e cava.

O drama do Calvario, a merencoria scena
Do Christo que morria, angelica assucena,
Ante os olhos da Mãe, as pedras commovia;

Commovia o oceano, o espaço... Unicamente
Dos carrascos a-turba olhava indifferente
O'cadaver do Christo e o pranto de Maria...

VICENTE DE CARVALHO,
Santos.

ESTRADA DE FERRO LEOPOLDINA

(Conclusão)

Pelo caminho foi-nos dizendo um dos moradores do logar que a escola não tinha mais alumnas, por serem muitos paes contrarios, em politica, ao partido do mauido da professora. Abstivemo-nos prudentemente de commentar esta perniciosa e patusca influencia da politica na instrucção primaria, por nos tranquillisar o nosso informante, dizendo-nos que já se estava preparando uma moça do outro partido para prehencher a vaga da primeira cadeira. Escola publica do sexo masculino não ha nenhuma no Rio Branco.

Entrámos na igreja. Pobre e desolada matriz! Nunca vi um templo catholico tão desataviado e tão nú. Paredes de madeira lisa pintada de branco, tecto abobadado, egualmente branco, com a tincta resequida e estalada, cheio de largas nodoas da agua infiltrada pelos intersticios das taboas desconjunctadas; assoalho velhissimo e esburacado, apenas com algumas taboas novas na parte superior da nave. Para o pulpito sobe-se por uma escada portatil. O altar môr é occupado por S. João Baptista. Aos dois lados do altar môr, ha, sobre peanhas toscas, duas imagens de sauctos. Uma d'ellas, a da direita, causou-nos certa estranheza: era de rosto trigueiro, e as mãos, uma das quaes tinha apenas dois dedos, estavam inteiramente negras. Oscillámos entre S. Francisco Xavier e S. Benedicto; mas o sachristão, que

acompanhava no exame, esclareceu-nos, solicito: era S. Francisco. As mãos estavam ennegrecidas pelo acido das velas de cera. Era o demonio, o acido das velas; que reparassemos no tecto do altar môr: estava tambem quasi preto pela acção do mesmo acido.

Este sachristão, muito orgulhoso do seu templo, disse-nos ser quem imbrincava a igreja nas occasioes de festas solemnes. Era á sua habilidade que se devia aquella exquissita ornamentação dos castiços de madeira chata recortada e uns florões de papel de cores e doirado que enfeitavam uma especie de jarras, onde havia flores do mesmo papel.

As imagens do culto não eram lá muito bonitas, mas havia duas, ennichadas na sachristia, que eram famosas. Serviam para as proçissoes e estavam sobre os respectivos andores. Fomos vel-as. Descerrada a cortina, appareceu-nos, ajoelhado sobre o andor, um Senhor dos Passos desgraçadissimo. Era macerrimo, muito chagado, e com uma grande mancha de vermelhão da China juncto do olho esquerdo. Ao lado d'esta imagem havia outra, da Senhora das Dores: Una dona Ignez de Castro, erecta, hirtada sobre o mesmo andor, numa attitude de phantasma; tinha o rosto branquissimo, mais alvo ainda do que o setim que a vestia, porque d'esse, ao menos, compadecera-se a poeira dos annos.

Ficámos satisfeitos das imagens do templo, pois nenhum de nós tinha feitiço de iconoclasta. Depois, o sachristão mostrou-nos o lustre. Bonita e grande peça de pingentes prismaticos de vidro branco, offerta de um fazendeiro dos arredores.

Passámos, no fim, a examinar o sachristão. Muito curioso. Um velho de cerca de sessenta annos, mas ainda agile forte, muito trefego e vivo. Estava de chinellos e em mangas de camisa. Moreno, magrinho, com a barba de um branco arruivado, toda crescida, mas amarrada em nó por baixo do mento. A' grandes instanciaes nossas elle retirou-se para desatar o nó e appareceu-nos em seguida com a barba solta, escorrida em seis longas madeixas delgadas, onde se esbatia o colorido ambarino que medeia entre o loiro velho e o branco. Os filamentos das seis falripas confinavam com o baixo ventre, quando esticadas pela mão cariciosa do sachristão; soltas, encolhiam-se como pequenas serpentes, no ondeado da compressão habitual.

Dissemos-lhe que aquellas barbas deviam ter arrastado muitos corações na sua mocidade. Luzio-lhe chispante e victorioso um olhar introspectivo, em que se adivinhava o orgulho de um Lovelace de igreja, não acabado ainda pelas inclemencias do deus vendado e vendido, que nestes climas torridos tem sempre a frecha combusta para o incendio perpetuo dos corações.

Despedimo-nos do Sr. Sebastião Ferreira de Mesquita—que tal é o nome do interessante funcionario da matriz do Rio Branco—e sahimos. Fomos d'ali á casa do Sr. Bittencourt, proprietario de uma fabrica a vapor de desfiar fumo, fabrica que não pudémos visitar por estar fechada naquella dia. O Sr. Bittencourt offereceu-nos café e licores. Foi em sua casa que conhecemos o Dr. Arthur Moura, rapaz novo e já distincto medico.

Da casa do Sr. Bittencourt voltámos á nossa, isto é—á do Sr. Calasans, para descansar um pouco, até á hora do jantar. Tomámos de novo café e deitámos-nos.

A's cinco horas sahimos, para ir jantar com o Sr. Ferreira, que já nos

déra um optimo almoço, bem regado de vinhos velhos, especialidade que hade inalterar o Sr. Ferreira ao coronal da gloria immarcessivel. Aqui soffremos uma desillusão. O jantar preparava-se para a chegada do trem inaugural, e o demonio só estaria de volta de Piranga ás 11 1/2 da noite. Nos, tendo circuitado a cidade e dormido como boas pessoas fatigadas de nada fazer, acordámos com fome. Um de nós conhecia convenientemente o Sr. Torres, chefe da cozinha. Apellámos todos para a piedade christan do digno Vatel, exhortando-o com ardor convicto á pratica da primeira das obras de misericordia. Torres, muito occupado no seu ministerio, refogava tomates, aos quaes dava mais attenção do que a nós. Todavia, como não é de entranha insensivel, commoveu-se, e propoz-nos um menu de sopa *Julienne* e assados frios. Acceitámos sem commentos...

A unica mesa que havia, estava occupada pela familia do Dr. Araujo Viana, que tambem ficára na cidade e se sugeitára ao mesmo regimen de assados frios. Tivemos de tomar a sopa, de pé, com o prato na mão. Depois, o doceiro do Sr. Ferreira, João Salermo, rapaz muito delicado e gentil, mesmo muito mais do que se pudéra exigir da côr escura do seu pigmento, improvisou-nos, com um taboleiro e uma barrica, uma mesa de campo... sem cadeiras. A falta de talheres obrigou-nos a comer com a mão o *roast-beef*, o *gigot* e o porco assado, acamados entre duas fatias de pão, que nós iamos rilhando como a situação permittia. Em seguida, o Sr. Salermo fez-nos um delicioso café, depois do qual fomos ainda dar um passeio, voltando á noite para casa, de onde sahimos á hora da chegada do trem. Chegou ás 11 1/2. A' meia noite jantámos de novo, á mesa geral, onde encontrámos as mesmas pessoas da vespera. Acabado o jantar fomo-nos deitar sem medo nenhum das dyspepsias e das indigestões. Dormimos regaladamente, sem protestos nocturnos dos assados e das gelatinas ingestas.

A's seis horas da manhan seguinte (1 de julho) partimo-nos do Rio Branco em direcção á cidade do Pomba, cuja estação iamos inaugurar.

Chegámos, sem nenhum episodio, á estação de Guarany ás 8,40. Ali S. M. quiz ir ver a povoação, para a qual nos dirigimos a pé. Vendo, porém, que era longe, e não querendo demorar o trem, o imperador voltou á estação. S. M. andou saracoteando de um lado para outro, até que, na face posterior do edificio, S. M. offendeu gravemente duas paredes, praticando uma acção contra a qual o proprio becco das Cancellas se insurgio ha dez annos, impondo municipalmente a multa de dez mil reis aos desrespeitadores da salubridade publica. E' que S. M., defensor e guarda das leis pela Constituição, mal se apanha em Minas, manda para o diabo não só a mesma Constituição, como o acto addicional e tudo o mais que se opponha á liberdade physiologica da sua economia. E faz bem, o imperador. Nada de sustar as correntes impetuosas... da opinião.

A's 10 horas chegámos á estação do Pomba. Esperava-nos um almoço opparo, servido pela casa Castellões.

A' mesa tomaram a presidencia, como sempre, S. S. M. M. Trocaram-se os brindes do estylo e o redactor do *Pombense* fez um bonito discurso, saudando a directoria da Companhia Leopoldina pelo grande impulso que acabava de dar ao progresso da localidade, e á imprensa da Côte em nome da confraternisação jornalística.

Terminado o almoço, fomos visitar a cidade, a meio kilometro da estação

Estava toda enfeitada e garrida, e o caminho que a ella nos conduzia era ladeado por dois renques de bambús folhudos, assim como quasi toda a linha da estrada, juncto das innumeradas estações.

A cidade do Pomba, muito risonha e alegre, está situada numa pequena elevação, tem muitas casas, e lembra no aspecto e na limpeza as pequenas cidades do norte de S. Paulo, com as quaes, em geral, não se parecem as de Minas.

Sahimos do Pomba ao meio dia e chegámos ás 4 1/2 á estação da Serraria, término d'aquelle ramal, onde nos passámos para os carros da Estrada D. Pedro II, que nos deviam conduzir á Corte.

A estação de Entre Rios, onde nos esperava um optimo jantar, servido pela casa Paschoal, chegámos ás 5 horas. Fomos para a mesa do hotel fronteiro á estação.

Jantar abundante; falta de menus impressos, o que deu logar a varias discussões. Numa elegante fructeira de crystal havia, entre varias fructas crystallisadas, uma porção de *marrons glacés*. Ora eu dou o cavaco pelos *marrons glacés* e tinha d'olho uns dois ou tres. Pois, senhores, tenho tido muitas desillusões na vida, mas como a que então soffri não espero tornar a soffrer! Eu acariciava com olhar ternissimo os *marrons* que estavam do meu lado, antegostando o doce prazer que sentiria ao comel-os. A minha natural delicadeza, porém, oppunha-se a prevenções inopportunas.

Imagine-se o meu desgosto, a minha decepção, o meu espanto, quando, logo depois do *foie gras*, olhando enternecido para a fructeira, não vi nem sequer um *marron*! Estavam todos em mãos dos meus visinhos, menos tolos do que eu, confesso-o. Não se descreve a minha dor nem as lagrymas do meu paladar.

Restava-me o consolo dos fios d'ovos e das fructas séccas. Consolei-me, e sahi. Aquelle jantar devia ser o meu tormento: já depois da sopa me haviam servido vinho do Porto por Madeira, e depois do peixe *rum* por vinho do Rheno! Imagine-se!

Além de tudo, o imperador tinha pressa; como é servido antes de todos, acaba primeiro. Levantou-se da mesa e foi para o trem, que devia partir immediatamente, o que obrigou muitas pessoas a perderem o jantar.

A's 8 da noite, pouco mais ou menos, chegámos á Barra do Pirahy, onde um carro especial, armado de poderosa luz electrica, esperava o imperador, que ia visitar os tunnels. S. M. foi só com a directoria da Estrada; nem ao menos fez convidar o Sr. conselheiro Christiano Ottoni, engenheiro constructor dos tunnels, que nos acompanhava. Esta desatenção do imperador foi muito commentada e censurada.

D'ali a pouco, juncto do primeiro tunnel, nós, que nos demoráramos cerca de meia hora na Barra, encontrávamos o carro da luz electrica. O imperador passou-se para o wagon do comboio geral, onde tambem ficára S. M. a imperatriz— e partimo-nos definitivamente para a Corte.

Chegámos ás 11 1/2 da noite, tendo deixado na plataforma da imperial quinta Suas Magestades e a sua comitiva.

Forçoso é confessar que chegámos todos fatigadissimos, meio mortos de cansaço e de somno. Sem o imperador, a viagem, embora nos custasse mais um dia, teria sido muito mais agradável e muito menos fatigante. Mas o im-

perador, desaffeito de todos os habitos de cortezia e de delicadeza, sem a menor consideração pelas pessoas que se lhe approximam, obrigou-nos á quella vertigem de papa-leguas, de que a fama lhe tem urdido os florões da sua coroa imperial.

Isto, porém, valeu de alguma coisa: Todos ficaram com a certeza de que não têm mentido os que têm censurado a irrisoria educação de S. M. Ninguem o imaginava tão burguez e tão deselegante. A tão apregoada democracia de S. M. consiste em comer com a faca, como os caixeiros da travessa do Commercio, e em vestir-se, az vezes menos decentemente que os porteiros das secretarias do Estado.

Um facto nos surpreendeu immensamente: O imperador não gosa de nenhuma popularidade em Minas! Não havia nenhum enthusiasmo pela sua chegada. Neste ponto foram falsas as referencias publicadas aqui nos telegrammas dos jornaes diarios. Nas estações os vivas a S. M., levantados pelos empregados, nem sempre eram correspondidos; e quando o eram eram n'o friamente, e ainda assim, algumas vezes divididos pelo Sr. Dr. Pederneiras, representante do *Jornal do Commercio*, que os agradecia muito comovido, mas declarando sempre que o imperador era o outro, aquelle que lá ia adiante, mais velho e menos garboso.

O que havia era grande curiosidade de vel-o. Os povos queriam observar se o seu imperador estava *mais acabado* ou *mais forte*. Mesmo no Rio Branco, em cuja estação se reuniu toda a população da cidade, o enthusiasmo foi quasi nullo. Em Guarany, poucos habitantes se descobriram á sua passagem; de tres cavalleiros que chegavam apenas um correspondeu ao cumprimento que lhes dirigio o imperador.

O que houve foi muito hymno nacional. Em todas as estações, ao approximar-se o comboio, rompia o hymno. Se o trem parava, á partida havia hymno outra vez! Foi um horror! Nunca imaginámos que aquella musica triturrante tomasse tão variadas formas e tão extravagantes sons.

Cada charanga o executava a seu modo. O hymno tornou-se feroz e martyrisante. Aquellas notas percucientes, agudissimas, perfurantes, tangidas pelos mais dissonantes pratos e soprados pelos mais irritados pistões, entravam-nos pelos ouvidos como pequenas balas de aço gelado!

E' preciso ir com o imperador a Minas para se calcular o effeito terrivel do hymno nacional na alma dos forasteiros inermes!

Eu ainda me lembro d'elle com terror. Se me restasse um raio de crença para rezar, eu diria assim a oração dominical:

... « Livrae-nos, Senhor, dos nossos inimigos e do hymno nacional! Amen. »

Quem sempre foi de uma extrema delicadeza e de uma inteira correcção foi a dignissima directoria da Leopoldina. Os Srs. Drs. Mello Barreto, Arthur Murinelly e barão de S. Geraldo foram sempre muito gentis e attenciosos com os seus convidados, que tão boas recordações trouxeram d'aquella esplendida festa.

Por mim e pel' *A Semana*, que eu representava, agradeço áqueles distinctissimos cavalleiros, bem como ao Sr. Domingos Seára, membro do conselho fiscal, todas as gentilezas com que me distinguiram.

FILINTO D'ALMEIDA.

MUSICA E MUSICOS

THEATRO LYRICO

A *Gioconda*, opera de Ponchielli, que se cantou, quarta feira ultima, no Imperial theatro D. Pedro II e com grande concurrencia de *dilletanti* curiosos de ouvir uma de suas operas hoje mais predilectas, se não foi *più bella*, *più sublimada ancor* do que de outras vezes a temos ouvido naquelle theatro e capaz de enthusiasmar aos mais exigentes, foi, em todo o caso, interpretada discretamente e satisfz áquelles que, não accetando o systema de comparação, recebem os artistas conforme suas qualidades, sem se importarem que fulano cantasse melhor na estação passada, cicrano fosse mais dramatico, etc.

Comecemos pelo fim.

A orchestra, (como o leitor sabe) que tem feito das suas, durante a temporada, portou-se regularmente na execução da difficil *partitura*, não obstante algumas vezes, passando-lhe pela idéia que não era o Sr. Toscanini que a dirigia, zás, lá vinha um pistou com uma nota falsa, uma trompa que no *attacco* era incerta. . .

Os côros estiveram bons, bem bons, e, se alguma cousa insignificante houve, não devemos levá-la em conta, porque entre nós dão-se operas com dois ou tres ensaios pela exigencia do publico em querer ouvir tres operas novas por semana.—D'ahi a falta de tempo necessario para a certeza do *ensemble*, d'ahi os desastres que algumas vezes somos obrigados a presenciar em partituras que em outras partes fazem carreira, dando doze e mais representações consecutivas.

Uma opera não é qualquer comedia, em que o actor não tem mais do que estudar o papel e represental-o conforme seu talento e escola; não. A opera é tudo isso e muito mais ainda, porque o artista que a representa deve ser dramatico, ter boa voz, emittil-a correctamente e aproveitá-la no colorido, sem fazer, contudo, exaggeros em certas notas agudas, prolongando-as de tal forma que fatiguem o auditorio, mas que acredita agradar aos que ouvem-n'o em um *andante* com indifferença absoluta, para só applaudil-o na cadencia final de uma *cabaletta*, quando, depois de ter camiuhado a passos largos e incertos para o proscenio, dá a *dominante* sustentada e com força, revolvendo-a naturalmente, ora com expressão de raiva, ora de amor.

As Sras. Bulicoff, Mey e Mantelli interpretaram conscienciosamente as partes de que se encarregaram, esforçando-se cada uma por mostrar seus excellentes dotes artisticos; e se, em alguma occasião, o effeito não foi o esperado, sua causa, crêmos, é devida em parte ao que já dissemos, e mais ainda ao nosso clima que, tendo declarado guerra ao larynge da Sra. Mey, prohibe-lhe de usar da sua esplendida voz com toda a facilidade de emissão.

Cumpre-nos dizer porém que a aria do *suicidio*, no quarto acto, e o *tercettino* do primeiro, concorreram bastante para o bom exito do spectaculo.

O Sr. Lhérie deu-nos um Barnaba *comme-il-faut* e, cantando a barcarola do segundo acto com grande felicidade, foi applaudido merecidamente.

O Sr. Figner interpretou com muito sentimento a *romanza* de Euzo pelo que obteve uma grande salva de palmas.

O Sr. Roveri é um *basso* que nos satisfz:— consciencioso, bella voz, dramatico, tudo nos leva a acreditar-o artista feito.

O bailado... esse, coitado, pela incerteza no *passo* das coreographas, foi

assim, assim, e não satisfizes desorte alguma; mas, em compensação, os scenarios são esplendidos e a *mise-en-scène* muito acceitavel.

CLUB BEETHOVEN

A feliz idéa que este Club teve de convidar o barytono Zardo para tomar parte no 101º concerto, que se realizou na noite de ante-hontem, foi coroada dos melhores resultados.

O salão regorgitava de socios e convidados anciosos, não sómente por ouvir o distincto artista, mais tambem o *ottetto* de flautas, tão annunciado.

O Sr. Zardo, cujas qualidades artisticas já foram apreciadas pelo nosso publico em algumas operas que tem cantado no Imperial Theatro, fez prodigios não só na romanza *Casto fior de miei sospir*, de Massenet, como na esplendida melodia de Rotoli *mia sposa sarà la mia bandiera*, pelo que teve estrondosa ovação do auditorio, que exigió *bis* na segunda peça que cantou.

O effeito produzido pelo *ottetto* de flautas, executado por distinctos amadores—que o Sr. Duque Estrada, com tanta paciencia e capricho ensaiou, proporcionando assim uma bella novidade, foi o mais agradável possível. Havia uma certeza tal na execução a não deixar nada a desejar. Um aperto de mão ao Sr. Duque Estrada e a seus discipulos pela difficuldade que venceram.

O Sr. Ragusa executou bem as peças de que constára o programma, se bem que a emoção da estréia não deixasse fazer realçar sua nitida dedilhação.

Todos os outros artistas e amadores que tomaram parte no concerto sahiram-se galhardamente de sua incumbencia.

GALLI-LEO.

JORNAL E REVISTAS

Publicou-se no sabbado passado o primeiro numero d'A *Vida Moderna*, cujo summario é o seguinte:

O nosso cartão (artigo de apresentação) L. M.; *Uma execução em Pekim*, J. d'Arnoux; *Chronica Fluminense*, Arth. Azevedo; *Sonilo*, A. Silva; Rubores (conto), A. Guanabara; *Os nossos poetas* (critica), L. Murat; *Theatros*, Cratchit; *Sport*, Max; *Declarações necessarias*, Max.

Traz na primeira pagina uma interessante gravura.

Desejamos ao novo collega todas as prosperidades.

UMA QUADRA

DE BODENSTEDT (*)

Se queres conhecer o homem e o mundo,
Do proprie coração observa o fundo;
Mas fuge de te ouvir e de te ver,
Se a ti mesmo te queres conhecer.

ANTERO DO QUENTAL

(*) Devemos o prazer de publicar estes poucos versos, inteiramente inéditos, ao nosso distincto collaborador portuguez Joaquim de Araujo, que os encontrou, por acaso, num album.

N. DA R.

THEATROS

RECREIO DRAMATICO

Companhia do Theatro D. Maria II, de Lisboa

Na quinta-feira, 8, a excellente companhia do theatro D. Maria II, de Lisboa, deu-nos *O Marquez de Villemor*, a esplendida comedia em 4 actos, de Georges Sand.

O Marquez de Villemor é uma das mais bellas comedias que temos visto. O seu entreccho é simplissimo e o desenlace adivinha-se desde o segundo acto; isto, porém, não prejudica o interesse do espectador, tal a naturalidade das situações e o vivacissimo espirito da linguagem. Ha muita verdade em toda a singella acção d'este primor da comedia moderna. Se exceptuarmos aquelle desmaio de Urbano, prolongado por uma noite inteira, cremos ser impeccavel todo o trabalho de observação e de verosimilhança da grande escriptora francesa. E que adoraveis typos nos apresenta! O duque de Aleria é uma delicia! Nunca vimos mais bem reproduzido pela penna de um escriptor o typo do bohemio parisiense, cheio de originalidade e de espirito, de frivolidade e de inconsequencia, mas com um coração de oiro, justo e bom, amovel e terno.

Quasi tão felizes como o do duque são todos os typos d'esta delicadissima e primorosa comedia.

Não temos tempo nem espaço para dar ao leitor uma idéa da bonissima impressão que nos deixou *O Marquez de Villemor*.

O desempenho foi digno da peça.

Coube a maior parte dos applausos do publico ao actor Augusto Rosa, que representou admiravelmente o papel do Duque. Deu-lhe um relevo magnifico e uma interpretação magistral, sublinhando com extrema graça e naturalidade a torrente de espirito do seu personagem.

O Sr. João Rosa representou tambem notavelmente o seu tristonho papel de protagonista. Disse-o com inteira correção e muito sentimento.

Virginia (Saint Geneix) foi de uma grande naturalidade e simplicidade no seu bello typo de burguezinha educada e austera.

Muito bem a Sra. Falco no papel da velha fidalga, a que ella imprimio toda a nobreza, altivez e correção convenientes.

Muito rasoavel a Sra. Luiza Lopes, e muito fraquinha para as exigencias da ingenua a Sra. Alexandrina.

Silva Pereira quasi não tem que fazer no papel de Conde Duniêres.

Os outros papeis não têm importancia registavel.

A peça agradou extraordinariamente o publico applaudiu-a como devia.

*

SARAH BERNHARDT

Do actor João Rosa ouvimos em poucas palavras todo o elogio d'Os *Fourchambault*.

— E' uma peça escripta com muita honradez.

E é. Simples, logica, sincera, sem *fielles* nem ratoeiras á emoção, de grande fundo dramatico, esta peça é reputada uma das mais perfectas de Augier e das mais notaveis do moderno theatro francez.

João Rosa teve ante-hontem, no papel de Bernard, a primeira occasião de fazer valer inteiramente os seus grandes recursos artisticos. Fel-o admiravelmente; vendo-se que elle estava perfeitamente incarnado no perso-

nagem. A caracterisação era magnifica, e no gesto como na voz e na maneira de dizer reconheciam-se nelle o rude e honradissimo homem de negocios, de casca um tanto grossa mas de coração delicado.

Augusto Rosa foi um Leopoldo elegante, frivolo na apparencia, mas de alma boa e generosa. A grande scena do quinto acto entre os dois irmãos (irmãos na peça e fóra d'ella) foi executada magnificamente, com grande naturalidade e muito sentimento. Faz bem á gente ver uma scena representada assim, por dois artistas de tal merecimento. Costa deu um perfeito *Fourchambault*, muito *bem posto*, de carne e osso; Antunes foi um barão de Ros-tiblois elegante, especulador, espertalhão e todo mellurias; achamos apenas que elle carregou um pouquinho no typo.

Amelia da Silveira, que não parecia saber muito bem o seu papel de *Joseph Letellier*, fel-o a contento geral. Achamol-a um pouco deslocada nelle; a sua physionomia maliciosa, *pétillante* de graça, prejudicava a compostura sisuda e melancolica que deve ter a pobre orphan. A Sra. Luiza Lopes deu-nos uma acceitavel mãe Bernard; estava bem caracterizada. D. Carolina Falco, *toilettes* á parte, foi a desejava Mme. *Fourchambault*:— esbanjadora, invejosa, futil, másinha.

A Sra. Alexandrina fez-nos a impressão de que era a criadinha da *Dóra* que ali estava, a fingir de Branca. E que mal vestidinha, meu Deus!

O desempenho, emfim, descontados alguns *carros* e uma ou outra *péga*, foi inteiramente satisfatorio. A isso já nos acostumou a excellente companhia que ora trabalha no *Recreio*.

SARAH BERNHARDT

Partio no domingo para Buenos Ayres, no *Britania*, a portentosa actriz franceza.

Na sexta-feira fez o seu beneficio com a *Theodora*, de Sardou, peça que entre nós conseguiu agradar quando representada o anno passado pela companhia Rossi.

Agora, pela companhia franceza, a *Theodora* quasi não foi representada. Todos sabem que a tragedia de Sardou pouco mais é do que um magnifico pretexto para esplendores de *mise-en-scène*. Pois foi exactamente o que não houve. Os scenarios eram na maior parte emprestados pelo Sr. Heller e produziram um deploravel desconchavo scenico.

No desempenho, além do papel da protagonista, que é um assombro de arte, representado pela grande actriz, só foi digno de nota o Sr. Garnier que, ainda assim, não obscureceu com elle o seu bello trabalho do *Hyppolite* da *Phèdre*. Seria injustica não citarmos tambem a Sra. Malvau, actriz de muito merecimento, que agradou sempre em todos os papeis que aqui representou. Os demais artistas, mesmo os Srs. Angelo e Decori, estiveram á quem das exigencias dos seus papeis.

Além da pessima montagem da peça, houve naquella noite um verdadeiro delirio de ovações, o que fez para correr muito arrastada a representação. Os estudantes de S. Paulo, no seu ultra fogoso entusiasmo, quasi desmantelaram o theatro!

As flores choviam copiosamente no palco, e por vezes Sarah Bernhardt foi inundada de petalas, que um patusco de quando em quando lhe despejava de um açafate sobre a cabeça.

As acclamações foram enormes e re-tumbantes.

Durante o spectaculo, que não ter-

ntou por doença e fadiga de Sarah, ella foi chamada á scena trinta e cinco vezes!

O espectáculo acabou ás 2 1/2 da madrugada.

No sabbado, Sarah Bernhardt substituiu felizmente a *Theodora* pela *Phedra*, o que encheu de jubilo a melhor parte dos seus admiradores. A immortal tragedia de Racine teve nessa noite um desempenho como ainda aqui não tivera. Sarah esteve prodigiosa! Não ha penna que possa descrever aquelle estupendo e assombroso trabalho! Estas explosões geniaes do talento humano, na sua mais espantosa manifestação artistica, guardam-se religiosa e imperecivelmente na memoria, como nos sacrarios de ouro e pedrarias se guardam as reliquias materiaes de um culto! Garnier, para se lhe fazer o maior elogio, basta dizer que secundou admiravelmente a sua gloriosa collega.

Foram recitadas varias poesias a Sarah Bernhardt, entre as quaes uma do actor Vasques, que fez muito bom effeito.

Dizem-nos que a genial artista voltará d'aqui a um mez para representar o *Hernani* e a *Theodora* com todo os scenarios da Porte Saint Martin, de Paris.

SANT'ANNA

Quarta-feira, 14, deu finalmente este theatro a primeira da annunciadissima *Corça do bosque*, a encantada magica arranjada de *La biche au bois* por Eduardo Garrido e Aristides Abranches.

Não é brincadeira montar *A corça do bosque* e montal-a da forma por que o foi. Oremos que as canceiras e os sacrificios do Heller serão largamente compensados pelas receitas da *Corça*.

Ha muito que elle nos havia acostumado, desde os saudosos tempos da *Phenix*, a ver em seu theatro peças montadas com um luxo, um apuro e um bom gosto extraordinarios, ineguaiveis, nunca excedidos.

Pois ainda assim, o publico ficou, na quarta-feira, deslumbrado, tonto, perplexo, embasbacado ante a maravilhosa e realmente... fantastica mise-en-scene da *Corça*.

Scenarios, vestimentação, accessorios e adereços são tudo o que se possa imaginar de mais brilhante, de mais rico, de mais original e chic.

Quasi toda a scenographia é do Sr. Carrancini; mas o Sr. Frederico de Barros pintou duas bellas scenas — «os jardins do rei Carambola» e o bosque do 7º quadro, executado com muita verdade, largueza e cuidadoso acabamento.

O Sr. Carrancini fez scenarios deslumbrantissimos, que collocam o seu nome entre os dos mais celebres mestres de scenographia. D'esses scenarios, são principalmente dignos de menção — «o bosque de palmeiras de ouro e prata», um primor de fantasia e colorido; o «reino amarelo», e o 15º quadro, a apothose, um assombro de perspectiva, de luz, de cores, de deslumbramento. Só apontamos estes scenarios... para não menciónal-os todos, pois para isso falta-nos espaço.

E' inegavelmente um mestre o Sr. Carrancini.

A peça agradou muito. E' magica; e isto dispensa-lhe a critica, porque todas as magicas se parecem umas com as outras e sobretudo com *A pera de Satanaz*, que é a rainha-mãe... nas magicas. E' magica arranjada pelo Garrido — quer dizer com muitas pilherias e calimburgos, nem sempre finos nem engraçados, e alguns disparates engraçadissimos — tal a mosca que continuamente persegue o Pelicano.

O publico rio a bom rir, e se o fez é

porque achou que a *Corça* tem graça; e isto é o que se quer.

O desempenho foi em geral muito bom.

Guilherme de Aguiar, o grande Guilherme, — parece incrível! — conseguiu ainda crear um novo typo de rei bisborria, apresentando um Carambola XXX impagavel, com uma cara indiscriptivamente patusca. Sustentou todo o papel juntando á sua muita graça natural e communicativa a sua reconhecida sobriedade e correcção.

Vasques foi um Gyra-Sol hilariante. Lisboa arranjou um typo pandego e exquisito a valer.

Pinto, caracterizou-se como costuma: admiravelmente, fazendo um membrudo e assustador Menrour.

A Sra. Dolores Phebo foi uma encantadora princeza Desejada, vestida com *toilette* tão simples quanto elegante e bella.

A Sra. Villiot representou magnificamente o principe Malmequer da Secia. São de grande riqueza e finissimo gosto as duas *toilettes* que exhibio.

A Sra. Delmary foi uma soberba e fogosa Aika, elegante e opulentamente trajada. Os demais artistas auxiliaram poderosamente aquelles no exito que teve a *Corça*.

Os coros — na forma do costume: dando quato podem. A orchestra portou-se bem, embora sacrificasse, por vezes, a belleza da musica por causa da instrumentação, que em geral é de ensurdecer... surdos, e do andamento vivissimo com que são regidos quasi todos os trechos.

Todas as tramoias e visualidades foram executadas com rapidez e limpeza, realmente admiraveis em uma primeira representação.

Em duas palavras: — um successo!

Lê-se no jornal parisiense *Le nouveau monde*, de 10 do mez passado:

«La comtesse Polonio, une aimable musicienne, bien connue du tout — Paris artistique, a debuté au théâtre Sant'Anna, de Rio de Janeiro, le 25 mai dernier dans la *Chanson de Fortunio*. Son succès a été très vif et les journaux brésiliens que nous recevons font le plus grand éloge de son talent.»

A *Condessa Polonio*, a que se refere a folha franceza, é, como já o terão comprehendido os leitores, a gentil cantora Cynira Polonio.

Foi-lhe dada ha annos aquella elegante alcunha, pela qual é conhecida em Paris, por Luiz Besson, chronista theatral de *L'Evenement*. Nos compliments, madame la Comtesse!

Tivemos hontem tres primeiras representações: *Mme. Boniface*, pela companhia franceza de opereta e opera comica do Sr. M. Grau; *Hamlet*, pela companhia lyrica italiana; e *A Dama das Camélias*, pela companhia Dias Braga.

Como *A Semana* se imprime aos sabbados de manhan, muito cedo, não é possivel darmos apreciação das peças representadas nas sextas-feiras. No proximo numero, pois, tractaremos das tres *premières* de hontem.

Hoje representam-se:

No S. Pedro — *Mme. l'Archiduc*.

No D. Pedro II — *Gioconda*.

No Recreio — *Os Fourchambault*.

No Lucinda — *A Dama das Camélias*.

No Sant'Anna — *A Corça do bosque*.

No Principe — *O povo e o threno*, e a *Mariquinhas dos apitos*.

P. TALMA

SUSPIROS

Andam dispersos no espaço,
Abandonados, perdidos,
Os meus suspiros trementes,
Do fundo d'alma nascidos.

Abre-lhes, pois, o ten peito;
Finda assim o meu penar,
Que em outro peito não podem
Abrigo os tristes achar...

ALBERTINA PARAIZO.

Porto.

SPORT

Esplendido dia encoberto, fresco e especialmente apropriado para corridas, teve a distincta sociedade *Derby Club* a felicidade de apanhar para realisar o estupendo programma do *Grande Premio Derby Nacional*, domingo passado.

A concurrencia foi extraordinaria, enorme. Todos admiravam os muitos e grandes melhoramentos, a belleza das construcções e a magnifica raia, tendo os maiores elogios ao *Derby Club* e ao seu illustrado presidente, Dr. Frontin.

Como admiradores do que é bom e moralizado ficamos sinceramente satisfeitos e possuidos de verdadeiro entusiasmo ao assistirmos á brilhante corrida do pareo *Grande Derby Nacional*. A alegria, o contentamento da grande multidão ali reunida, a ordem respeitada até ao final, a animação constante, tudo isso reunia naquelle dia o *Derby Club*. As archibancadas completamente cheias e rigorosamente adornadas da nossa melhor sociedade, apresentavam um aspecto imponente deante do esplendo panorama que a todo momento fascinava os olhos dos espectadores d'este brilhante divertimento.

A's 3 3/4 hora marcada, apresentaram-se na raia os valentes e lindos puros sangues nacionaes *Pery*, *Sibylla*, *Sylvia II*, *Talisman* e *Boreas* que foram a causa das maiores sensações, das legitimas emoções e do maior entusiasmo.

Ao signal dado partiram esses valentes parelhinhos, disputando palmo a palmo a victoria. *Sylvia II* e *Sibylla*, mais velozes, tomaram a frente, deixando em sua retaguarda o musculoso *Boreas*. *Talisman* e *Pery* observavam de alcance a lucta. Ao passar o poste de 2000 metros *Boreas* estabeleceu renhida lucta com *Sylvia II* e *Sibylla* e difficilmente conseguiu passal-as... Ao chegar ao poste de 2500 metros *Talisman* offereceu luta a *Boreas* e conseguiu passal-o, tomando uma deanteira regular, parecendo-nos enfracuecer *Boreas* que perdeu terreno. Mas, foi uma illusão: *Boreas*, tomando novo folego, ao entrar na recta de chegada emparelhou com *Talisman*, e com alguma facilidade conseguiu passal-o, deixando-o logo a dez corpos de distancia e obtendo a victoria dos 3200 metros, em 223 segundos, no meio das mais estrondosas manifestações.

Talisman fez uma brilhante corrida e estava perfeitamente preparado; teve o 2º premio, e *Pery*, com difficuldade, o 3º. *Sylvia II* e *Sibylla* demonstraram não aguentar tiro longo e por isso ficaram distanciadas.

Os proprietarios da Coudelaria Alliança foram calorosamente applaudidos. Os nossos parabens.

O resultado dos outros pareos foi o seguinte:

No 1º pareo (1450 metros) *Pansy* em 102 segundos venceu os seus competidores, seguida de perto por *Camelia* que teve o 2º lugar. *Echeron* o 3º.

Tambem correram *Frou-frou*, *Africana*, *Diana* e *Castiglione*.

No 2º pareo (1450 metros) foi vencedora em 101 segundos e com grande surpresa *Paulicéa*, dando o appetitoso rateio de 305\$000! Teve o 2º lugar *Biscaia*; 3º *Ivon*.

Tambem correram *Sartarelle*, *Aurora*, *Americana*, *Villa Nova* e *Pampeiro*. *Lucifer* mancou durante a corrida. *Araby* e *Tufão* não correram.

No 3º pareo (1609 metros) venceu em 106 segundos *Phrynéa*, apesar de *Charrybdes* ter sahido um pouco adeantada. *Scilla* teve o 3º. *Nana* o 4º.

No 4º pareo (2000 metros) *Satan* em 135 segundos venceu os seus competidores; está melhorando, apesar de ser um animal defeituoso, de palheta esquerda. *Plutão* fez boa corrida e fará, mais tarde, ainda melhor; teve o 2º lugar. *Speciosa* o 3º. *Atalanta* fez triste figura, chegou n'uma bagagem medonha, o que não podemos comprehender. *Comtesse d'Olonne*, adoeceu.

No 5º pareo (1609 metros) venceu em 112 segundos *Bayocco*. *Druid* chegou em 2º. *Guanaco*, que teve o 3º, se em vez de correr por dentro, corresse por fora, talvez obrigasse *Druid* a fazer outra figura. *Africa* ficou parada. *Aymoré* não correu por doente. *Mandarin*, *Vampa* e *Boyardo* chegaram em ultimo lugar.

No 7º pareo (1750 metros) coube a victoria a *Coupon* em 118 segundos; *Fanfaron* chegou em 2º; *Dignitaire*, animal novo, ainda não está em condições de fazer boa corrida: teve o 3º lugar. *Bolívar*, *Gaudriole* e *Aspasia* chegaram embolados. *Cheapside*, *Victoria* e *Dr. Jenner* na bagagem. *Macaréu* não correu.

No 8º pareo (1450 metros) *Flotsam* com bastante facilidade bateu os seus competidores em 104 segundos. Teve o 2º lugar *Pip*, 3º *Onix*. *Judia*, *Zephiro* e *Feticheira* chegaram na bagagem.

Devem estar esplendidas amanhã as corridas no Jockey Club. O programma é attrahentissimo.

Esta sociedade commemorou hontem, com uma sessão solemne, o seu decimo oitavo anniversario.

L. M. BASTOS

FACTOS E NOTICIAS

Os estudantes de S. Paulo que, em numero de 120, vieram á Corte assistir ao beneficio e á partida de Sarah Bernhardt, sempre cavalheirosos e delicados, nomearam uma commissão para comprimentar as redacções dos jornaes e fazer-lhes as suas despedidas. Foi com extremo prazer que recebemos a visita d'essa commissão, composta dos Srs. Gabriel Junqueira, Aquilino do Amaral Filho e Ernesto Ramos. Os briosos e distinctos moços partiram todos no dia 12 para S. Paulo.

Voltou tambem para essa cidade no dia 15, o nosso estimadissimo collega do *Diario Mercantil*, Gaspar da Silva, que para o mesmo fim havia vindo á Corte.

Tivemos occasião de admirar um novo trabalho do habilissimo calligrapho Valentim de Figueiró, nosso collaborador artistico. E' o diploma de socio honorario da «Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro» conferido a S. A. R. o Sr. Conde d'Eu.

Os dizeres do diploma são feitos em caracteres diversos de letras, das usadas de 1373 a 1500, e todas ornadas com illuminuras e flores de lys, coloridas a muitas côres, sobresahindo a prata e o ouro. E' um primor de concepção e maravilhosa a delicadesa, o mimo, a originalidade com que foi executado.

Não sabemos porque um calligrapho tão distincto não foi ainda nomeado para algum estabelecimento publico de educação.

Naturalmente por isso mesmo, por ser distincto.

Receberam-se em matrimonio, em Mendes, no dia 7 do corrente o Sr. Enrico Borgongino e a Exma. Sra. D. Alzira de Lima Borgongino; havendo servido de padrinhos: da noiva, o Sr. Victor Mendes e a Exma Sra. D. Emilia Pegado, e do noivo o Dr. Jeronymo de Cunto. Parabens.

Por ter estado enfermo, felizmente sem gravidade, o nosso collaborador Alfredo Palheta, é que não temos publicado a estimada secção *Bellas-Artes*.

Tivemos occasião de examinar toda a parte já impressa da *Grammatica Musical* do proecto maestro Miguel Cardoso, professor de musica na Escola Normal; e podemos afirmar que até hoje não se publicou neste genero nenhum trabalho comparavel a esse. Pareceu-nos completo. Em principios de Agosto deverá ser posto á venda.

COLLEGIO MENEZES VIEIRA

No dia 6 de julho, sendo este o do anniversario natalicio da Exma. Sra. D. Carlota Menezes Vieira, a intelligente e solícita fundadora e directora do excellente *Jardim da Infancia* d'este collegio, seu esposo, o illustrado director do collegio, e benemerito mestre de linguagem articulada dos surdos—mudos, offereceu aos paes de seus muitissimos alumnos e aos seus numerosos amigos uma brilhante festa.

A concurrencia era immensa, e tal a quasi não se poder respirar no salão-mór, aliás muito vasto.

Presidiu a sessão commemorativa o Sr. Visconde de Paranaguá, que a abriu com um pequeno discurso apologético dos reconhecidos merecimentos da Exma. Sra. D. Carlota Menezes Vieira; falou em seguida o sympathico e esclarecido professor de mathematicas, alferes Ulysses Cabral, sendo entregues áquella senhora muitos brindes de valia e numerosos e bellos bouquets. Falou por ultimo o Dr. Menezes Vieira, muito commovido, declarando que o melhor dos seus triumphos como educador o deve á sua querida e incansavel companhia.

Em seguida teve lugar o concerto, que foi excellentemente executado, e cujo programma não inserimos por faltarnos o preciso espaço.

Terminou a festa por animadissimo baile.

Nossos complimentos á illustre continuadora, em nossa patria do venerando Frœbel.

Partiu no dia 9 para S. Paulo o Sr. Boaventura de Sá, socio da importante casa commercial de Miguel Cardoso & C., d'aquella praça.

Matriculou-se no primeiro anno do curso de Direito de S. Paulo o Sr. Alfredo Pujol, distincto moço, de muitas

esperanças, que foi redactor d'A *Quinzena*. Será seguramente um dos estudantes que mais honrem a actual geração academica da Paulicéa.

Acha-se na Côte, chegado de Lisboa, o distincto poeta portuguez Antonio Feijó, auctor do apreciado livro *Lyricas e Bucólicas*.

14 DE JULHO

A festa franceza do 14 de Julho foi esplendidamente celebrada pela Sociedade Franceza de Gymnastica com um grande baile, que esteve muito animado e concorridissimo, e por magnifico concerto no Polytheama, onde a *Marselheza* foi soberbamente executada por 300 musicos.

Cantou a Sra. Preziosi, a notavel artista da companhia Grau. Depois do concerto houve lauta ceia, á qual se seguiu um deslumbrante baile.

Foi uma festa bellissima, como são todas as organisadas pela illustre colonia franceza do Rio de Janeiro.

COLLEGIO INTERNACIONAL

Este excellente estabelecimento de educação, fundado e dirigido pelo Sr. Gambaro commemorou no dia 14 o sexto anniversario de sua criação com uma missa solemne na igreja de S. Francisco de Paula.

A's 10 horas chegaram os alumnos, em numero de 70 (numero que não foi maior por causa do mau tempo), uniformizados e em forma, com as suas espingardas escolares ao hombro, e o estandarte do collegio e varias bandeiras hasteadas. Acompanhava-os a excellente banda do arsenal de guerra, que tocou durante o officio. A concurrencia era grande. Estamos certos de que se repetirá muitas vezes esta solemne e festiva, pois que a este excellent collegio está reservada vida longa e prosperissima.

GRANDE KERMESSE

Amanhã, 18 do corrente, á uma hora da tarde, abrir-se-á, no salão principal do Cassino Fluminense a kermesse promovida por S. A. Imperil, a Sra. Condessa d'Eu em beneficio do Asylo Agricola, inaugurado pela Associação Promotora da Infancia Desamparada. O nome da augusta promotora da kermesse é a sua melhor garantia e maior réclame.

Entre as barracas mais bem ornadas e mais attrahentes destaca-se a de Mme. Netto Machado, em que, entre muitos outros objectos de valia, encontram-se uma estatueta de Bernadelli e um quadro de Victor Meirelles.

A entrada amanhã será de 500 rs.

EXPERIENCIA CAVALCANTI

Em dias da semana passada e com alguma concurrencia realizou-se mais uma experiencia do aparelho Cavalcanti, destinado a evitar as proezas dos assassinos bem conhecidos sob o nome de — bonds.

O seu inventor, não contente com as provas dadas com o manequim que lançara aos trilhos, sujeitou-se a si e a um seu filho ás mesmas provas ficando, felizmente, demonstrada a efficacia de um tal systema.

Oxalá que o seu inventor veja dentro em pouco applicado a todos os bonds esse preservativo que garantirá tantas vidas.

Assistiram a essa experiencia sua magestade o imperador, que se mostrou satisfeito, representantes da imprensa e muitos convidados e curiosos.

JARDINS DA



INFANCIA

PROPAGANDA FRÖBEL

« Il dépend de la génération présente que la génération qui viendra après elle trouve sous ses pas ou des roses ou des épines.

MME. MARENHOLTZ BULOW»

O que é o jardim da infancia ?

É uma instituição que tem por fim educar meninos de 3 a 6 annos de idade, aproveitando as aptidões, modificando a índole, formando o caracter, despertando e auxiliando o desenvolvimento das faculdades physicas, moraes e intellectuaes.

Porque se chama jardim ?

Porque as crianças, os vossos filhinhos, flores mimosas do vosso amor, exigem nesse periodo da existencia a mais desvelada cultura.

Que vantagens offerece ?

A criança desde os primeiros mezes aprende muito pela vista e pelo ouvido. A mobilidade dos olhos, a curiosidade physionomica demonstram que a todos os instantes aquelle cerebrosinho trabalha. E quão duradouras são as impressões que recebem? Em certos casos, quão perniciosas para o futuro ?!

Crear um meio, um ambiente em que esteja isenta d'essas causas, evitar a acção corruptora dos máos exemplos, gradual e harmonicamente provocar as faculdades moraes, exercitar o debil organismo, transformar e aproveitar certos instinctos, dirigir o desenvolvimento da intelligencia: — taes são as vantagens que offerece o jardim da infancia.

Será necessario no Brazil ?

Muito breve, a mulher brasileira, deixando de ser *senhõra*, limitar-se-ha ao papel de *senhõra*; será auxiliar do esposo, irá ao trabalho pedir os meios para a subsistencia do casal. Nesse dia as creches e os jardins da infancia serão indispensaveis.

Na classe pobre, as mães que vivem nos cortiços, entregues á lida quotidiana, á lavagem e ao engomado não têm tempo para cuidar dos filhos. As crianças vagueam pelos pateos e pelas ruas, expostas a mil accidentes, adquirindo máos habitos, preparando-se para a garotagem.

Na alta sociedade, os espectaculos lyricos, os passeios á rua do Ouvidor, as estações em Petropolis e Friburgo não permitem que as crianças recebam todo o desvello de que carecem. Se não vagueam pelas ruas, vivem com os famulos e com os escravos, companhia ainda mais perversa.

Qual a importancia do jardim em relação á escola primaria ?

É immensa. O professor encontrará o terreno desbravado. A missão do mestre, com ser espinhosa, tornar-se-ha menos ardua e o resultado mais rapido e seguro.

É uma instituição nova ?

Em 1771, Oberlin, natural de Strasburgo, parochio de Ban de la Roche, cantão Schirmeck, fundou aos 27 annos de idade, com o auxilio de sua dedicada esposa Salomé Witter, o primeiro estabelecimento d'este genero.

Actualmente a Allemanha, a Inglaterra, a Suissa, os Estados-Unidos, a França, a Italia, a Belgica, a Hollanda, Portugal, a Confederação Argentina possuem instituições identicas.

Que aprenderá vosso filho ?

Aprenderá a fallar, a corrigir-se da gagueira, do tatibitismo, do sibillatismo, do perdigotismo, de certos caoethes; aprenderá a observar, servir-se dos sentidos, exercer a attenção, comparar, formular juizos; isto é, pensar, raciocinar, associar idéas, cultivar e enriquecer a memoria.

Fará exercicios que fortifiquem o corpo, trabalhos manuaes de construcção, de desenho, de moldagem.

Aprenderá principalmente a amar e praticar o bem!

Será castigado corporalmente ?

O castigo corporal, remedio extremo, especie de cauterio potencial, de exito duvidoso, indicado mui rara e cautelosamente, seria requinte de crueldade applical-o ás criancinhas, quando todos os dias a influencia do meio accentua-se, debellando verdadeiras diatheses moraes, pondo em duvida a hereditariedade para o vicio.

A que horas deve vir para o jardim ?

Em materia de educação, o exemplo é tudo. Se desejamos que os futuros cidadãos restabeleçam o imperio da lei, é necessario dar o exemplo, obedecendo á lei do collegio ou da escola.

Nada escapa á perspicacia da criança.

Como deve trajar ?

Evitem-se os extremos: nem o embohecimento mulheril, nem o desalinho vulgarmente chamado philosophico.

Roupas folgadas, de lã ou de brim de cor branca, cinturão envernizado, chapozinho de palha, uma pequena mala a tiracollo, eis o homemzinho preparado, se tiver as unhas aparadas, os cabellos curtos, rosto e mãos bem lavados, dentes limpos.

Não vos esqueçais de que um simples volver de olhos sobre a criança dá idéa exacta do que vale a familia a que pertence.

É permitido trazer alguma cousa para «fazer as onzes» ?

De certo. Duas fatias de pão com manteiga, um pouco de marmelada, meia duzia de biscoitos ou um bife é quanto basta a esses passarinhos, que menos comem que debicam.

Nada de fructos, em geral colhidos fóra do tempo, amadurecidos á força.

De que modo os pais nos auxiliarão ?

desafiando a criança a contar os trabalhos do dia, o que viu, o que fez, o que aprendeu. Compreende-se que este passatempo (*cuidadosamente afastado o espirito do mezerico, da denuncia ou da calumnia*) é um poderoso incentivo. O pequenino sentir-se-ha lisonjeado pelo interesse que a familia consagra aos seus progressos.

Nos dias de descanço muito convém os passeios aos arrabaldes; o ar dos campos, a pureza das aguas, os risinhos panoramas, a variedade na alimentação actham favoravelmente sobre o physico e o moral.

Relações entre o pai e o educador.

Devem basear-se na mais perfeita sinceridade; são duas forças que convergem para um mesino fim: — transformar a criança em cidadão util á patria, á familia e a si proprio.

Desde que desaparece a confiança, as forças tornam-se divergentes em desproveito do educando.

A escolha de um collegio tem acompanhado as variantes da moda. Vae isto de harmonia com a nossa índole, um pouco voluvel, e os males, infelizmente, mui tarde se reconhecem.

Visite-se o Collegio, converse-se com o director, indague-se dos amigos que só dizem bem e dos inimigos que só dizem mal, procure-se o meio termo e depois... entregue-se o filho com a mesma confiança com que se entrega ao medico um doente querido.

De feito, do educador não menos confiais: vosso filho é o depositario do vosso nome, da vossa honra, do nome, da reputação de vossa familia!...

PROGRAMMA DO JARDIM DA INFANCIA

DE 3 A 6 ANNOS DE EDADE.

GYMNASTICA INTELLECTUAL. — Discernir e comparar a cor, a fórma, a extensão, a quantidade, a temperatura, o som, o cheiro, o sabor dos objectos.

LINGUA MATERNA. — Por meio dos dons de Fröbel (corpos, superficies, linhas e pontos) das lições de cousas, (o nome da criança, idade, nome dos pais, logar em que reside, principaes partes do corpo humano, animaes e plantas mais conhecidos e uteis, objectos relativos á alimentação, vestuario, habitação, transporte), divisão do tempo, hora, dia, semana, mez, anno, estação, frio, calor, flores e fructos, — partes da escola, principaes ruas e praças, terra e agua, sol, nascente, poente, contos, historietas, fabulas á vista de estampas.

EDUCAÇÃO PHYSICA. — Cantos em coro, marchas, jogos, imitativos do trabalho do marceneiro, do ferreiro, do agricultor, do remador, etc, etc.

EDUCAÇÃO MORAL. — Pelo exemplo — aquisição de bons habitos, aproveitamento dos instinctos, extirpação dos defeitos e pequeninos vicios.

COLLEGIO MENEZES VIEIRA -- RUA DOS INVALIDOS, 26

JOCKEY-CLUB

PROGRAMMA DA QUARTA CORRIDA

A REALIZAR-SE NO PRADO FLUMINENSE

DOMINGO, 18 DE JULHO DE 1886

1º pareo — (às 12 horas) — **GUANABARA** — Animas nacionais de 4 annos e mais — 2.500 metros — Premios: ao primeiro 2:000\$; ao segundo 500\$ e ao terceiro 250\$ — Inscrição 100\$

Ns.	NOMES	PELLO	IDADE	NATURAL.	PESO	CORES DAS VESTIMENT.	PROPRIETARIOS
1	Boreas.....	Castanho....	5 annos	S. Paulo.....	52 kilos	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.
2	Talisman.....	Alazão.....	5 »	Idem.....	54 »	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro.
3	Pery.....	Alazão.....	6 »	Idem.....	56 »	Encarnado, branco e preto.	M. S. Ferreira.
4	Diva.....	Castanho....	4 »	Minas Geraes	47 »	Ouro e branco.....	Coud. Fluminense.
5	Carmen.....	Idem.....	4 »	S. Paulo.....	47 »	Azul e grénat.....	Coud. Internacional.

2º pareo — (às 12 3/4 horas) — **FERREIRA LAGE** — Animas nacionais de meio sangue que não tenham ganho este anno — 1.300 metros — Premios: ao primeiro 600\$ ao segundo 200\$ e ao terceiro 100\$ — Inscrição, 30\$.

1	Douro.....	Alazão.....	7 annos	R. de Janeiro.	54 kilos	Verde e ouro.....	J. L. C.
2	Peralta II.....	Castanho....	4 »	Paraná.....	52 »	Preto branco e encarnado..	
3	Ni-roafi.....	Idem.....	4 »	Idem.....	52 »	Azul e branco.....	J. P.
4	Eolo.....	Zaino.....	3 »	S. Paulo.....	50 »	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro.
5	Africa.....	Preto.....	8 »	Paraná.....	52 »	Encarnado, branco e ouro..	Coudelaria Paulista.
6	Regalia.....	Vermelho....	6 »	S. Paulo.....	52 »	Branco e encarnado.....	Mario de Oliveira.
7	Bonita.....	Alazão.....	5 »	Idem.....	52 »	Azul e encarnado.....	J. Machado.
8	Bitter.....	Preto.....	5 »	Idem.....	51 »	Azul.....	H. J. da Silva.
9	Americana.....	Tordilho....	4 »	R. de Janeiro.	50 »	Encarnado, branco e preto.	M. L. de Carvalho.
10	Intima.....	Castanho....	5 »	S. Paulo.....	52 »	Ouro e encarnado.....	D. A.
11	Mascotte.....	Tordilho....	5 »	R. de Janeiro.	52 »	Azul e branco.....	D. A.
12	Biscaia.....	Alazão tost..	4 »	S. Paulo.....	50 »	Azul e ouro.....	Coud. Santa Cruz.
13	Sartarelle.....	Preto.....	5 »	Paraná.....	51 »	Geranium e ouro.....	J. W.
14	Aranha.....	Alazão.....	5 »	S. Paulo.....	52 »	Vermelho.....	Coudelaria Mirim.

3º pareo — (à 1 1/2 hora) — **DEZESSEIS DE JULHO** — Animas de qualquer paiz até 3 annos — 1.609 metros — Premios: ao primeiro 1:000\$; ao segundo 300\$ e ao terceiro 150\$ — Inscrição para estrangeiros 80\$ e para nacionais 40\$.

1	Gaudriole.....	Castanho....	3 annos	França.....	48 kilos	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.
2	Scylla.....	Idem.....	3 »	Inglaterra...	48 »	Havana e branco.....	Idem idem.
3	Dr. Jenner.....	Zaino.....	3 »	Rio da Prata.	50 »	Grénat e ouro.....	Oscar Machado.
4	Camelia.....	Alazão.....	3 »	França.....	58 »	Azul pavão e grénat.....	Coud. Santa Cruz.
5	Dignitaire.....	Idem.....	3 »	Idem.....	50 »	Preto, branco e encarnado.	Coudelaria Paraizo.
6	Coupon.....	Idem.....	3 »	Idem.....	50 »	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro.
7	Gladiador.....	Castanho....	3 »	Inglaterra...	50 »	Setim br. e manchas pretas.	M. U. Lemgruber.
8	Victoria.....	Zaino.....	3 »	Idem.....	48 »	Vermelho.....	Coud. Mirim.

4º pareo — (às 2 1/4 horas) — **YPIRANGA** — Animas nacionais de 3 annos — 2,000 metros — Premios: ao primeiro, 2:500\$; ao segundo 600\$ e ao terceiro 300\$ — Inscrição 100\$.

1	Monitor.....	Castanho....	3 annos	S. Paulo.....	50 kilos	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro.
2	Plutus.....	Idem.....	3 »	Idem.....	52 »	Azul, br. encarnado e faixa.	
3	Pip.....	Pampa.....	3 »	Idem.....	50 »	Branco e azul.....	B. V.
4	Flotsam.....	Zaino.....	3 »	Idem.....	50 »	Vermelho.....	Coud. Mirim.
5	Onix.....	Castanho....	3 »	Idem.....	50 »	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes

5º pareo — (às 3 horas) — **MAJOR SUCKO W** — Animas nacionais de meio sangue — 2,000 metros — Premios: ao primeiro, 1:000\$; ao segundo 300\$ e ao terceiro 150\$ — Inscrição 50\$.

1	Douro.....	Alazão.....	7 annos	R. de Janeiro.	56 kilos	Verde e ouro.....	J. L. C.
2	Yvon.....	Zaino.....	4 »	Paraná.....	52 »	Azul e manchas encarnadas	C. P.
3	Nicoafi.....	Castanho....	4 »	Idem.....	52 »	Azul e branco.....	J. P.
4	Paulicéa.....	Idem.....	4 »	S. Paulo.....	50 »	Encarnado branco e ouro..	Coud. Paulista.
5	Druid.....	Tordilho....	4 »	R. de Janeiro.	52 »	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.
6	Guanaco.....	Alazão tost..	7 »	Paraná.....	54 »	Vermelho.....	Coud. Mirim.
7	Bayoco.....	Castanho....	5 »	S. Paulo.....	54 »	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.

6º pareo — (às 3 3/4 horas) — **JOCKEY-CLUB** — Animas de todos as paizes e edades — 2,500 metros — Premios: ao primeiro, 2:000\$; ao segundo 500\$ e ao terceiro 250\$ — Inscrição para estrangeiros 150\$ e para nacionais 75\$.

1	Satan.....	Castanho....	3 annos	França.....	48 kilos	Granada e ouro.....	Mario de Souza,
2	Cu-ubaid.....	Zaino.....	5 »	Inglaterra...	49 »	Preto e encarnado.....	D. F. P.
3	Plutão.....	Alazão.....	6 »	França.....	52 »	Azul branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro.
4	Phrynéa.....	Castanho....	4 »	Inglaterra...	51 »	Ouro e branco.....	Coud. Fluminense.
5	Fanfaron.....	Alazão.....	4 »	França.....	50 »	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.
6	Speciosa.....	Idem.....	4 »	Inglaterra...	47 »	Azul e grénat.....	Coud. Internacional.
7	Naná.....	Zaino.....	5 »	Idem.....	49 »	Setim br. e manchas pretas	M. U. Lemgruber.

7º pareo — (à 4 1/2 horas) — **INTERNACIONAL** — Animas de todos os paizes e de puro sangue, ate 4 annos — 2,000 metros — Premios: ao primeiro, 1:500\$; ao segundo 400\$ e ao terceiro 200\$ — Inscrição para estrangeiros 100\$, para nacionais 50\$.

1	Aspasia.....	Castanho....	4 annos	Inglaterra...	52 kilos	Ouro e branco.....	Coud. Fluminense.
2	Creusa.....	Alazão.....	4 »	Idem.....	52 »	Ouro, branco e faixa.....	Idem idem.
3	Scylla.....	Castanho....	3 »	Idem.....	50 »	Havana e branco.....	Coudelaria Alliança.